

25 JUN 1997

FHC

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Venha a mim. Ao vosso reino, nada

Habitualmente um crítico adversário do governo e do presidente Fernando Henrique, de quem reconhece a competência ao estabilizar a moeda mas a quem só se refere como "o monarca", o deputado Antônio Delfim Netto anda — com o perdão da má palavra — babando de admiração pelo tirocinio político do presidente da República.

Não só acredita que FH será reeleito como atesta que o fará, desta vez, por mérito próprio. "A primeira eleição foi obra de dois acidentes chamados Itamar Franco e Antônio Carlos Magalhães e de um destino generoso. A segunda será obra da vontade e da inteligência de alguém que tricota com quatro agulhas o próprio futuro", analisa, numa posição surpreendente — dado o seu recente combate à reeleição — e, ao mesmo tempo, absolutamente de acordo com esses novos tempos de boas relações malufistas.

Delfim faz uma longa análise a respeito do jogo que está sendo montado por Fernando Henrique e, mesmo que não valesse a pena reproduzir seus argumentos, uma só frase resumiria à perfeição o que se passa: "Todos ao meu palanque e eu no palanque de ninguém", diz como que a traduzir o que ele acredita seja um lema na cabeça presidencial.

O deputado acredita que todos os parceiros da aliança já entenderam isso. Menos o PSDB, que, na opinião de Delfim, não captou que as articulações eleitorais de Fernando Henrique visam evidentemente à própria reeleição, mas como subproduto garantem a sobrevivência de todos.

"Os tucanos não sabem ler os olhos de Fernando Henrique." E, para ele, no encontro do Alvorada na semana passada, Paulo Maluf soube fazer isso como ninguém, dançando um minueto afinado. Daí o plano de cuidar da vida em São Paulo e adiar projetos presidenciais para 2002. "Há duas hipóteses apenas de o presidente não ganhar a eleição: um escândalo interno e uma crise externa." A segunda Delfim considera longínqua. E a primeira, "o Pão de Açúcar que conseguiram colocar em cima da CPI da compra de votos, mostra que é igualmente remota".

Mesmo assim, Delfim considera que a única pessoa que não acha que a reeleição é "pinhão cozido" (favas contadas) é justamente o maior interessado nela. O deputado concorda que é um "massacre" o que está sendo feito com tucanos feito Mário Covas, Marcello Alencar e Eduardo Azeredo.

A questão é que pondera também que esse é um fato que pertence ao campo das ações inevitáveis. E, já que é assim, o

PSDB deveria pelo menos saber aproveitar o resultado final, uma vez que, sozinho, o partido não tem votos.

"Fernando Henrique não precisa de quem leia Max Weber. Nesse departamento ele se basta. Precisa, isso sim, de votos, e é por isso que vai buscar onde eles existem."

Repete que o PSDB erra feio quando imagina que o presidente está contra os amigos de antigamente. "Quando ficam presos dessa convicção, os tucanos na verdade é que estão trabalhando contra o presidente."

O tucanato sempre poderá argumentar que a análise de Delfim parece inspirada em Péricles, pai do amigo da onça. E reforçaria ainda mais essa tese caso o ouvisse concordar que, por esse raciocínio, ele acabaria chegando à conclusão de que o PSDB deve estar para Fernando Henrique assim como o PRN estava para Fernando Collor. "Perfeitamente", diz, diante da premissa.

Tanto que não vê a menor possibilidade de o partido produzir reações fortes contra Fernando Henrique. No Rio, vê Marcello Alencar dependente do prestígio presidencial. Em São Paulo, considera que a honestidade moral de Mário Covas o impedirá de se bandear para o adversário. "Esse dado faz parte da memória de Fernando Henrique."

O problema, na opinião dele, é Minas Gerais. Não acredita que Eduardo Azeredo venha a ceder espaço para Itamar Franco, que, se não é um adversário digno de ameaçar de fato a vitória de FH, seria um candidato à presidência capaz de produzir um desconforto atroz.

"Ele sempre poderá dizer que inventou o Real e que, no governo dele, não havia desemprego, déficit em conta corrente, perdas salariais, e a produção industrial apresentou um crescimento de 25%." Com isso, Itamar não ganha. Mas, se apoiado por um candidato em Minas do quilate de um Hélio Garcia, por exemplo, poderia conseguir produzir pelo menos um segundo turno.

É o que menos deseja Fernando Henrique. "Claro, pois a esquerda se uniria e ele ficaria para a opinião pública como o candidato da direita. Isso ele já é, mas a explicitação dessa realidade lhe traz um grande desconforto pessoal". Por isso, tanto esforço para tirar Itamar do caminho.

Na opinião de Delfim, tudo o que o presidente quer é concorrer com um Lula, que possa massacrar com humilhação logo no primeiro tempo. "E, uma vez reeleito, começar imediatamente a pensar no terceiro mandato."

Obviamente que Delfim Netto pode estar completamente equivocado em sua análise. Mas, considerando que é tido como quase um feiticeiro em matéria de malignidade, quem sabe não foi o espelho mágico que lhe revelou à noite os segredos da alma de Fernando Henrique?

"Fernando Henrique tem um lema: 'Todos no meu palanque e eu no palanque de ninguém.'" (Delfim Netto)